



**Exercícios 2001 Literatura.**  
**07 Volume Ensino Médio.**  
**29º Semana: Páginas; 16 a 23.**  
**28/10/2020 quarta-feira: Horário das 09hs às 10hs**

## Olhar literário

### Realismo no Brasil

A segunda metade do século XIX, no Brasil, foi marcada por uma série de eventos que determinaram mudanças significativas no perfil da nação. A Guerra do Paraguai, que teve início em dezembro de 1864 e se prolongou até 1870, ganhou enormes proporções, principalmente por ocorrer na sequência de outro conflito armado, que foi o embate entre Brasil e Uruguai. Foram enviados para o *front* de batalha cerca de 150 mil homens, fato que causou um grave impacto, já que 50 mil não retornaram para casa.

Somado a isso, o Brasil integrava-se cada vez mais na lógica do capitalismo mundial, ocupando um papel de exportador de produtos primários e consumidor de produtos industrializados. As áreas de infraestrutura passaram a receber forte investimento na construção de estradas de ferro e na constituição de uma estrutura econômica por meio da abertura de casas financeiras. A sensação de progresso social, porém, ligava-se cada vez mais a um processo de concentração de renda que enriquecia alguns em detrimento de uma parcela considerável da população que permanecia pobre.

O término da escravidão, em 1888, e o aumento da chegada de imigrantes europeus para trabalhar nas lavouras em diversas partes do país geraram problemas sociais que se prolongam até os dias atuais: a mão de obra composta de antigos escravizados, agora libertos, não era integrada ao sistema de produção, o que fez com que contingentes de pessoas sem trabalho começassem a se concentrar nos limites periféricos das grandes cidades. A Proclamação da República, em 1889, redefiniu o conceito de pertencimento pátrio, pois transformava o antigo súdito do Império em cidadão, com direitos e deveres para com a sociedade, mas ainda refletindo uma condição de desigualdade social que dividia pobres e ricos em extremos da sociedade.

Além disso, as diferenças entre as cidades que se desenvolviam e os pontos mais afastados do interior do país mostravam-se difíceis de se integrarem em um único projeto de nação.

A mentalidade associada ao **positivismo** e ao **determinismo** vindos da Europa, assim como os avanços das ciências e das tecnologias, passou a fazer parte do modo de ver a realidade da classe social mais abastada por meio da divulgação de ideias em jornais que circulavam nas cidades. Mesmo que os modos de produção de bens no Brasil desse período se mantivessem atrelados a estruturas arcaicas, parte da elite econômica e intelectual passava a se identificar com “o que de mais novo” chegava por aqui vindo do continente europeu.

Por volta de 1870, no interior da Faculdade de Direito do Recife (inaugurada, em 1827, por D. Pedro I), desenvolveu-se um movimento de reflexão sociológica e cultural intitulado **Escola de Recife**, que foi um dos polos de recepção, no Brasil, das ideias que circulavam na Europa (materialismo, **positivismo**, **determinismo**, evolucionismo). Uma geração de intelectuais, como Tobias Barreto, Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua, Silvio Romero e Graça Aranha, deu início à discussão de temas fundamentais para o pensamento brasileiro, em especial a mestiçagem e o caráter nacional.

FERREZ, Marc. *Rua Primeiro de Março*. 1890. Instituto Moreira Sales. Rio de Janeiro.

- Ruas pavimentadas, iluminação pública e bondes para o transporte coletivo passaram a se confundir com carroças nas ruas das grandes cidades



## Prosa realista brasileira

A literatura realista no Brasil apresenta algumas diferenças em relação à produção literária ocorrida na Europa. Uma delas está na exclusividade da produção em prosa no Realismo brasileiro, ou seja, **não houve poesia realista no Brasil**, enquanto em Portugal ocorreu uma importante escrita realista na forma de poemas. Outra está na importância que a narrativa curta (especialmente o conto) adquiriu na literatura brasileira do período, dado o papel que teve na formação do leitor brasileiro, o que, no Realismo europeu, não teve a mesma relevância.

A prosa realista brasileira apresenta uma série de marcas que destacam sua diferença em relação à prosa romântica, entre elas, a utilização de uma **linguagem direta e objetiva**, por meio da qual eram feitas descrições cuidadosas dos ambientes e do universo interior dos personagens, com riqueza de detalhes. A exploração dos ambientes sociais, quase sempre envolvendo cenários urbanos, representa a preocupação em focar o momento presente da época, distante, portanto, do desejo dos escritores românticos de resgatar poeticamente um passado glorioso que simbolizasse o surgimento da própria pátria.

O escritor realista procurava construir um retrato da sociedade tal qual ela se configurava no momento, revelando os conflitos morais e as incoerências dessa sociedade. A análise psicológica passou a ser uma das estratégias textuais por meio da qual o escritor pôde revelar um mundo em que as aparências sociais não correspondiam aos valores e às ambições individuais dos personagens. Diferentemente dos escritores românticos, os quais apresentavam personagens que viviam e morriam por acreditarem em ideais que não se ajustavam ao mundo em que se encontravam, os escritores realistas optaram pela representação de pessoas comuns como personagens centrais, desprovidas de idealização e muitas vezes sem grandes projetos de vida. Mas, por trás da suposta superficialidade dos personagens, os realistas se propunham a investigar os mecanismos de determinação social, isto é, denunciar as formas pelas quais as estruturas sociais oprimem pessoas. Por essa razão, na literatura realista há uma crítica feroz às instituições como a Igreja e o casamento, que subjaz a temas como adultério, por exemplo.

Um caráter antiburguês, que também existiu no Romantismo, ganha, no Realismo, um novo sentido: não se trata mais de observar na narrativa a luta entre o herói romântico contra a sociedade burguesa, mas, sim, fazer uma descrição do modo de vida burguês revelado naquilo que há de pior (exploração do homem pelo homem; aspecto financeiro como parâmetro para julgar o valor das pessoas; diferenças entre as classes sociais; questão do mando dos “fortes” sobre os “fracos”; exploração do trabalho, etc.).

Entre os escritores realistas brasileiros, dois merecem destaque: Raul Pompeia, autor do romance intitulado *O Ateneu*, e Machado de Assis, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Vale também citar a produção teatral de autores como França Junior e Artur de Azevedo, que escreveram, respectivamente, as peças *Como se fazia um deputado* e *A capital federal*, entre outras.



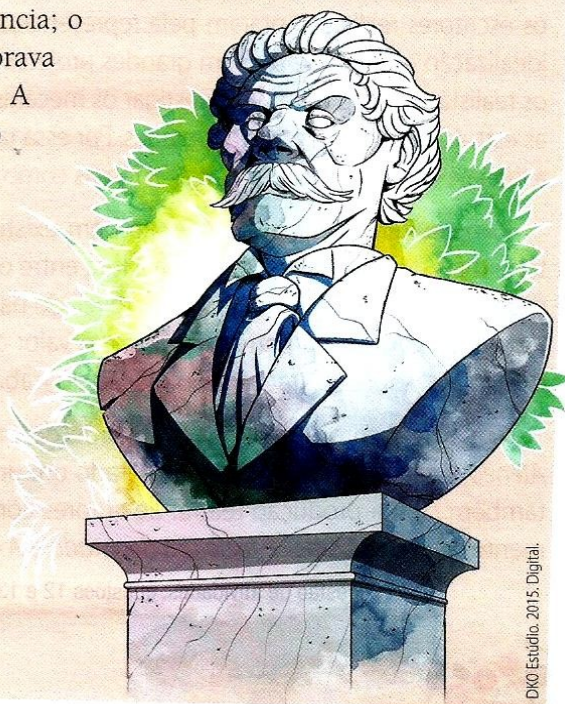
### Atividades

1. O romance *O Ateneu*, escrito por Raul Pompeia, é um dos grandes romances produzidos no Brasil na segunda metade do século XIX. Narrado em primeira pessoa, Sérgio, já adulto, conta sua passagem pelo internato chamado Ateneu, instituição localizada no bairro do Rio Comprido, Rio de Janeiro. O diretor do colégio, Dr. Aristarco, considerado um dos mais proeminentes pedagogos de seu tempo, conduzia a vida dos alunos com mãos de ferro. A narrativa vai revelando ao leitor uma realidade bastante diferente daquela apreendida por Aristarco: o colégio interno era uma reprodução piorada da sociedade decadente em que ele se inseria.

Leia uma das passagens desse romance em que a figura de Aristarco é descrita pelo narrador. Finalizada a leitura, responda às questões que seguem.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o Império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas Províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à sustância, **atochando** a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e **esbaforido concurso** de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes **cartonados** em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos **esfaimados** de alfabeto dos confins da Pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. E engordavam as letras, à força, daquele pão. Um **benemérito**. Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepções da **coroa**, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de **pedraria**, **opulentando** a nobreza de todos os **honoríficos berloques**.

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma **couraça** de grilos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata **excelso** dos **silabários**; a pausa **hierática** do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a **crispação** áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes – era a educação da inteligência; o queixo, severamente **escanhado**, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral. A própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem... não veem os **côvados** de **Golias**?!... Retorça-se sobre tudo isto um par de bigodes, **volutas** maciças de fios alvos, **torneadas** a capricho, cobrindo os lábios, fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito, – teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor. Em suma, um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, desta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua. Como tardasse a estátua, Aristarco interinamente satisfazia-se com a **afluência** dos estudantes ricos para o seu instituto. De fato, os educandos do Ateneu significavam a fina flor da mocidade brasileira.



POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000005.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

**atochando:** enchendo; atulhando.

**esbaforido:** apressado.

**concurso:** chegada.

**cartonados:** encadernados em cartão.

**esfaimados:** esfomeados.

**benemérito:** digno.

**coroa:** realeza.

**pedraria:** conjunto ou coleção de pedras preciosas.

**opulentando:** ostentando, mostrando.

**honoríficos:** honrados.

**berloques:** pequenas joias.

**couraça:** revestimento.

**excelso:** sublime.

**silabários:** livros voltados para ensinar as crianças a ler; cartilhas.

**hierática:** como a de sacerdotes em rituais litúrgicos.

**crispação:** contração.

**escanhado:** barbeado.

**côvados:** unidade de medida de comprimento. No texto, refere-se ao tamanho.

**Golias:** personagem mitológico judaico que foi morto em batalha por Davi.

**volutas:** espirais.

**torneadas:** contornadas.

**afluência:** aglomeração.



Raul Pompeia nasceu em 1863. Desde cedo, ganhou fama por ser um aluno e um caricaturista de talento. Estudou Direito em São Paulo, mas concluiu seu curso na Escola de Direito de Recife. Nesse período de sua vida, entrou em contato com as tendências filosóficas e científicas que estavam em voga na Europa. Participou da campanha para o fim da escravidão. Morreu em 1895, no Rio de Janeiro.

a) “Aristarco todo era um anúncio.” Qual é o sentido dessa frase no contexto do trecho do romance lido anteriormente?

---



---



---

b) Para você, a maneira como o narrador descreve a figura de Aristarco pode ser entendida como

( ) cômica.                      ( ) reflexiva.

( ) trágica.                      ( ) irônica.

( ) satírica.

• Justifique sua resposta.

---



---



---



---

c) A postura de Aristarco retrata, para o narrador-personagem, alguém vaidoso, que vive da divulgação de sua própria imagem como um ser superior aos outros. Você concorda com essa definição do personagem Aristarco? Justifique sua resposta.

---



---



---



---

d) A escolha vocabular preciosista e retórica (exagerada e esvaziada) nessa passagem do romance pode ser associada ao personagem que está em foco no trecho? Justifique sua resposta.

---



---



---



---

## Olhar literário

### A prosa machadiana

A obra de Machado de Assis pode ser entendida não apenas como a mais importante no contexto do Realismo brasileiro, mas também como um dos pontos altos da literatura de seu tempo.

A trajetória pessoal do autor, por si só, merece destaque. Filho de pai descendente de escravizados e mãe de origem portuguesa, Machado teve uma infância pobre. Projetando-se para além das condições socioeconômicas que lhe serviram de ponto de partida, o escritor conseguiu, por conta própria, acumular um saber notório, fato que possibilitou a ele frequentar espaços onde boa parte da intelectualidade carioca circulava em meados do século XIX. Quando era jovem, conheceu uma senhora francesa em São Cristóvão que lhe deu aulas de francês, permitindo que tivesse acesso a um conjunto da cultura europeia que era exclusivo de determinada parcela das classes sociais mais abastadas. Quanto à língua inglesa, cuja literatura foi decisiva para sua formação, Machado iniciou os primeiros contatos por meio de sua amizade com José de Alencar. Aprendeu latim em seu contato com a Igreja, ainda jovem. Por fim, seu interesse pelo teatro o fez estudar grego, em especial para poder ler o teatro clássico e a obra de alguns filósofos, entre os quais, Platão.

Ao que tudo indica, evitou frequentar os espaços da periferia, lançando-se com coragem para a região central do Rio de Janeiro. Inicialmente, arrumou um emprego como tipógrafo, em seguida, em uma livraria, chegando à redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Aos poucos, sua grande habilidade como escritor fez com que pudesse participar de modo mais ativo na produção de textos jornalísticos. Em 1867, tornou-se funcionário público. Sua dedicação fez com que subisse na carreira da burocracia governamental, atividade profissional que lhe permitia, paralelamente, produzir sua literatura.

Machado escreveu romances, peças de teatro, poesia, contos e crônicas, ao que se somam textos de crítica literária e teatral. Suas primeiras obras de ficção apresentavam uma concepção estética tipicamente romântica. As tramas de suas histórias exploravam, como era comum em uma parcela da prosa romântica brasileira, intrigas amorosas associadas a disputas entre os personagens por um espaço de prestígio em meio às classes altas.

O modelo dessas ficções era o romance europeu, em particular o francês e o inglês, como havia ocorrido com Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar. Entretanto, já se via na primeira escrita em prosa de Machado um conjunto de elementos de estilos diferenciados se comparados aos de outros escritores brasileiros que publicavam seus livros no período de popularização das narrativas por meio dos folhetins. Apesar de seguir a “receita” do romance romântico, que explora o tema amoroso como fio condutor da trama, os personagens de Machado têm uma complexidade que se opõe ao modo superficial característico das narrativas românticas escritas no Brasil. A sondagem psicológica, uma das grandes marcas da prosa realista, já surge, ainda que tímida, nos romances “românticos” de Machado: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878).

A grande mudança na literatura machadiana, contudo, ocorreu a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra de 1881, marco inicial do Realismo literário no Brasil. Escrita com base em uma perspectiva inovadora no contexto da literatura brasileira, essa obra representa um salto em comparação a outros escritos literários, não somente em relação ao que o próprio Machado de Assis escrevia, mas também ao que outros escritores produziam nesse período. O rompimento com a linearidade da narração (a história deixa de ser contada cronologicamente), a utilização da ironia como uma

estratégia para sugerir ambiguidades, o distanciamento consciente do narrador diante dos fatos narrados, a crítica contundente aos valores sociais, o ritmo fragmentado da narração, as digressões e o diálogo constante do narrador com seu leitor são algumas das transformações realizadas por Machado que estabeleceram um novo patamar de qualidade na produção literária em prosa no Brasil.

Em diferentes graus e estruturadas de maneiras específicas, essas marcas se manifestam nos romances da fase realista do escritor: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

Outro gênero em que Machado de Assis foi mestre é o conto. Leia o que a crítica Nádia Gotlib escreveu:

[...] os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos culpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções...

O modo pelo qual o contista Machado representa a realidade traz consigo a sutileza em relação ao não dito, que abre para as ambiguidades, em que vários sentidos dialogam entre si. Portanto, nos seus contos, paralelamente ao que acontece, há sempre o que parece estar acontecendo. E disto nunca chegamos a ter certeza.

GOTLIB, Nádia. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1990. p. 77-78.

Se os contos de Machado de Assis têm como características as sutilezas e as ambiguidades, desde a publicação de seu primeiro livro de contos, *Contos fluminenses*, de 1870, até *Relíquias da casa velha*, de 1906, sua produção teatral pode ser entendida como uma atividade que tinha por objetivo representar cenas da vida cotidiana e seus problemas para analisá-los posteriormente. De acordo com o crítico Quintino Bocaiuva, os textos teatrais escritos por Machado eram mais para serem lidos do que encenados. A escrita teatral machadiana, portanto, dialogava constantemente com o restante de sua obra evidenciando, de um modo muitas vezes mais direto e contundente, uma intenção profunda da obra completa de Machado de Assis que apontava para a denúncia social.



## Atividades

1. Este capítulo é um dos mais importantes da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Nele, o protagonista, Brás Cubas, reencontra na rua um ex-escravizado dele, Prudêncio, açoitando um escravizado que comprara após obter sua liberdade. Observe como se dá a conversa entre eles e as reflexões do narrador.

### CAPÍTULO LXVIII / O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: — “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas **conjeturas**. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era **torvo** o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo **gaiato**, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, — transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, **desagrilhado** da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera.

Vejam as sutilezas do maroto!

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

- a) Como Prudêncio justifica sua ação contra o escravizado?

---

---

- b) Como Brás Cubas procede diante dessa cena?

---

---

**vergalho:** chicote.

**conjeturas:** suposições, hipóteses.

**torvo:** terrível, pavoroso.

**gaiato:** travesso, maroto.

**desagrilhado:** libertado, livre.

c) De que modo a resposta de Prudêncio a Brás Cubas denuncia sua antiga condição de escravizado?

---

---

d) Ao refletir sobre a cena, Brás Cubas a associa a outra, anterior. Segundo ele, de que modo as duas cenas estariam relacionadas?

---

---

e) Uma das marcas centrais da prosa machadiana é a ironia. Transcreva e explique uma das ironias presentes na fala do narrador.

---

---

f) Outra marca importante da escrita de Machado é a metalinguagem, isto é, o narrador faz menção à própria atividade da escrita. De que forma ela se dá nesse capítulo?

---

---

2. Leia o capítulo “O agregado”, que faz parte do romance *Dom Casmurro*. Preste atenção especialmente na descrição do personagem para responder às questões propostas.

### O AGREGADO

Nem sempre ia naquele passo vagaroso e rígido. Também se descompunha em acionados, era muita vez rápido e lépido nos movimentos, tão natural nesta como naquela maneira. **Outrossim**, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele. Nos lances graves, gravíssimo.

Era nosso agregado desde muitos anos; meu pai ainda estava na antiga fazenda de Itaguaí, e eu acabava de nascer. Um dia apareceu ali vendendo-se por médico homeopata; levava um Manual e uma **botica**. Havia então um **andaço** de febres; José Dias curou o feitor e uma escrava, e não quis receber nenhuma remuneração. Então meu pai propôs-lhe ficar ali vivendo, com pequeno ordenado. José Dias recusou, dizendo que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.

- Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá aonde quiser, mas fique morando conosco.
- Voltarei daqui a três meses.

Voltou dali a duas semanas, aceitou casa e comida sem outro **estipêndio**, salvo o que quisessem dar por festas. Quando meu pai foi eleito deputado e veio para o Rio de Janeiro com a família, ele veio também, e teve o seu quarto ao fundo da chácara. Um dia, reinando outra vez febres em Itaguaí, disse-lhe meu pai que fosse ver a nossa escravatura. José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico. Tomara este título para ajudar a propaganda da nova escola, e não o fez sem estudar muito e muito; mas a consciência não lhe permitia aceitar mais doentes.

- Mas, você curou das outras vezes.
- Creio que sim; o mais acertado, porém, é dizer que foram os remédios indicados nos livros. Eles, sim, eles, abaixo de Deus. Eu era um charlatão... Não negue; os motivos do meu procedimento podiam ser e eram dignos; a homeopatia é a verdade, e, para servir à verdade, menti; mas é tempo de restabelecer tudo.

**outrossim:** igualmente.

**botica:** caixa com remédios.

**andaço:** epidemia.

**estipêndio:** salário.

Não foi despedido, como pedia então; meu pai já não podia dispensá-lo. Tinha o dom de se fazer aceito e necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa da família. Quando meu pai morreu, a dor que o puniu foi enorme, disseram-me; não me lembra. Minha mãe ficou-lhe muito grata, e não consentiu que ele deixasse o quarto da chácara; ao sétimo dia. Depois da missa, ele foi despedir-se dela.

— Fique, José Dias.

— Obedeço, minha senhora.

Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. “Esta é a melhor apólice”, dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que **enxovalham** depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

— Abaixo ou acima? perguntou-lhe tio Cosme um dia.

— Abaixo, repetiu José Dias cheio de veneração. E minha mãe, que era religiosa, gostou de ver que ele punha Deus no devido lugar, e sorriu aprovando. José Dias agradeceu de cabeça. Minha mãe dava-lhe de quando em quando alguns cobses. Tio Cosme, que era advogado, confiava-lhe a cópia de papéis de autos.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

a) Como José Dias chega à casa do pai do narrador?

---

---

---

b) Por que José Dias confessa a verdade de sua condição ao pai do narrador?

---

---

---

c) Por que o pai decide mantê-lo na casa mesmo após a confissão?

---

---

---

---

d) Os agregados podem ser definidos como aqueles que vivem com uma família como se fossem parentes. No século XIX, em função do escravismo, era comum que alguns homens e mulheres pobres e livres se tornassem agregados de famílias de elite, vivendo de favor na casa delas e ajudando no que podiam, fazendo-se necessários para que permanecessem sob a proteção dessas famílias. Assinale os itens que confirmam a condição de agregado de José Dias.

- Aproximou-se da família e se fez necessário, mesmo após a morte do pai do narrador.
- Enganou a família se dizendo médico homeopata com o objetivo de passar-lhes um golpe.
- Conhecendo sua condição de agregado, esforçava-se por agradar e, mesmo quando expunha sua opinião, fazia-o como se obedecesse.
- Tinha interesse em deixar a casa, por isso juntava o dinheiro que ganhava mensalmente.
- Recebia salário regular da família.

**enxovalham:** sujam, mancham.